



**PARCEIROS DO RJ/TV GLOBO: A APROPRIAÇÃO DE NOVAS  
ALTERNATIVAS PARA A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**

**GT8: Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania**

Lilian Saback<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Comunicação ECO/UFRJ

**Resumo**

Este artigo traz uma primeira reflexão sobre as reportagens do Quadro Parceiros do RJ, da TV Globo de Televisão, como uma nova modalidade de narrativa inclusiva que insere os moradores de favelas e comunidades do Rio de Janeiro na produção de jornalismo da TV aberta brasileira. A luz de autores como, Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, Muniz Sodré e Raquel Paiva, a autora observa a estratégia e tática que envolvem os produtos produzidos por jovens com idades entre 18 e 30 anos, que vivenciam o cotidiano das comunidades cariocas, e finalizados por jornalistas profissionais detentores da técnica jornalística.

**Palavras-chave:** comunidade, favela, audiovisual, comunicação e cidadania

**Abstract**

*This article presents a first reflection on the Board of Partners RJ video reports, produced by Globo television network, as a new form of inclusive narrative placing Rio de Janeiro slum and community dwellers in news production for the major*

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social ECO/ UFRJ, Mídias e Mediações Socioculturais. Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da UFRJ (LECC). Professora do Departamento de Comunicação Social PUC-Rio. Coordenadora do Núcleo de Assessoria em Comunicação, Rádio e Internet do Projeto Comunicar/PUC-Rio. E-mail: lillian.saback@gmail.com.

*Brazilian network TV. Based on authors such as Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, Muniz Sodré and Raquel Paiva, the author analyzes the strategy and tactics involved in the stories produced by young people aged between 18 and 30 years, who experience the daily life of the local communities, and supervised, finalized and edited by professional journalists.*

**Keywords:** *community, slum, audiovisual, communication and citizenship*

## **Introdução**

Este trabalho investiga, a partir da representação do universo das favelas nas reportagens produzidas para o quadro Parceiros do RJ, veiculado no telejornal *RJ TV – 1ª Edição*, da Rede Globo de Televisão, as novas concepções do audiovisual comunitário. O artigo se insere em uma pesquisa de doutoramento, intitulada ***As modalidades de afeto para uma inclusão pelo audiovisual: caso do quadro Parceiros do RJ, TV Globo***. Nela, trata-se da linguagem audiovisual comunitária compreendida como narrativa *inclusiva*, presente nas reportagens produzidas por jovens moradores de favelas sobre suas comunidades para um emissora de TV aberta. Esta compreensão apoia-se no trabalho da pesquisadora Raquel Paiva sobre comunicação comunitária. Em “As minorias nas narrativas da mídia” (2003), Paiva investigou a natureza das narrativas sobre os grupos minoritários, tendo como principal base teórica o trabalho do filósofo americano Richard Rorty, “Contingência, ironia e solidariedade” (1992). Rorty desenvolve a noção de “redescritção” como uma técnica promotora do sentimento de solidariedade. A autora sustenta que esta perspectiva permite compreender a narrativa como ferramenta estratégica de “comunicação inclusiva na luta contra-hegemônica empreendida pelas minorias na atualidade”. Chamamos a atenção para a leitura de Paiva em relação à expressão narrativa inclusiva no que tange o jornalismo comunitário como a grande narrativa da atualidade, como expressa no artigo

“Jornalismo Comunitário: uma reinterpretação da mídia” (2006): “A produção de narrativas inclusivas tem como pressuposto que o conhecimento do cotidiano do outro é capaz de produzir um reconhecimento entre os indivíduos”.

Boaventura Santos apresentou, em 2012, durante palestra no Rio de Janeiro, seu trabalho como “rapper”. O sociólogo criou o fictício Queni N.S.L. Oeste, um jovem rapper português nascido no Barreiro, bairro da periferia de Lisboa, para explorar o rap como linguagem alternativa. “Uma coisa é certa: o rap, tal como o blues, não podia ter sido inventado pela classe dominante”. Assim como Santos, acredita-se que, no momento em que jovens da periferia se inserem na produção jornalística comercial, constrói-se uma nova linguagem alternativa.

É dentro deste contexto que entende-se que o quadro Parceiros do RJ apresenta um formato de audiovisual comunitário, que acaba por romper com um dos paradigmas que o cercam: seu papel fundamental em prol do desenvolvimento de uma determinada comunidade, quando é produzido e veiculado, única e exclusivamente, com o envolvimento de seus moradores. Esta pesquisa compreende que as reportagens produzidas por jovens moradores de favelas cariocas, com o suporte técnico e profissional da emissora de maior audiência do país, a Rede Globo, elaboram uma nova narrativa, capaz de produzir alguns dos efeitos estimados no Artigo 3º da Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que estabelece normas para o Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil:

- I dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- II oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;

- III prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- IV contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;
- V permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível.<sup>2</sup>

Para pensar esta produção como um formato específico de produção audiovisual comunitária, entende-se, ainda, estas produções como um desdobramento da mídia audiovisual comunitária, que tem como principais aliadas, por um lado, as novas tecnologias que compreendem desde equipamentos e softwares de edição acessíveis a uma gigante plataforma de visibilidade, a internet, e por outro, o interesse dos produtores de audiovisual pelo fenômeno favela. Como descreveu Gary A. Dymksy em *Ten ways to see a favela: Notes on the political economy of the new city*, muitas partes interessadas estão olhando para as favelas. Neste artigo o professor do departamento de economia da Universidade da Califórnia propõe um debate sobre como a economia da favela deve ser vista e sobre como elas se encaixam na dinâmica econômica mais ampla de suas cidades e regiões. Segundo o autor, entre os que estão de olho nelas se encontram “aqueles para quem a favela oferece uma tela, um pano-de-fundo, um cenário: os jornalistas locais e estrangeiros, escritores, cineastas, blogueiros, estudantes de pós-graduação, professores, pesquisadores.”<sup>3</sup>

O Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgado em 2011, apresentou o Brasil como um exemplo de país onde a economia da favela está em alta. O levantamento registrou que 11,4 milhões de

<sup>2</sup> Legislação disponível na íntegra em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9612.htm)

<sup>3</sup> Tradução do texto disponível: (<http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2011/09/15/dez-maneras-de-ver-uma-favela-notas-sobre-a-economia-politica-da-nova-cidade-por-gary-a-dymski/>).

brasileiros, o equivalente a 6% da população do país, vivem em “aglomerados subnormais”, um termo nem sempre visto com bons olhos que acaba por designar as favelas e as comunidades com poucas condições de saneamento e infraestrutura. De acordo com o levantamento, 49,8% dos 3,2 milhões de domicílios particulares existentes nesses locais estavam na região Sudeste: 23,2%, em São Paulo, e 19,1%, no Rio de Janeiro. O Nordeste concentrava 28,7% desse total, o Norte, 14,4%, e os Estados do Sul e do Centro-Oeste bem menos, 5,3% e 1,8%, respectivamente.

O censo 2010 destacou, ainda, que a Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, era a mais populosa do país, com 69.161 moradores. Um número que aponta para o fato de que o crescimento da população nas favelas do Rio e, principalmente, a falta de infraestrutura e a presença do tráfico de drogas, serviram de elementos para a implantação do projeto da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro que alimentou a criação do quadro Parceiros do RJ: a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). O objetivo principal das autoridades governamentais é, com a presença de polícias comunitárias em favelas, desarticular quadrilhas que antes controlavam estes territórios como estados paralelos.

A primeira UPP foi instalada na Favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, em 20 de novembro de 2008. Nos anos seguintes, outras unidades foram inauguradas na Cidade de Deus, no Batan, Pavão-Pavãozinho, Morro dos Macacos e Rocinha, entre outras favelas. Uma tentativa de impor a ordem, como definiu Jaílson dos Santos em artigo sobre as Unidades de Polícias Pacificadoras

A UPP é a expressão da ordem do poder estatal, do poder policial, o sentimento de que a paz se faz presente, tendo em vista a eliminação da lógica do confronto que a própria polícia alimentava e da disputa territorial por grupos inimigos.

A eliminação do armamento ostensivo é outro fator que auxilia no sentimento de pacificação, do mesmo modo que a ampliação do direito de ir e vir dos moradores.<sup>4</sup>

Este sentimento de paz, entretanto, nem sempre esteve presente nas favelas do Rio de Janeiro, mas o fato é que com a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Favela Santa Marta, nasceu o projeto Parceiros do RJ, da Rede Globo de Televisão. Essa iniciativa trouxe para a TV aberta reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro, ou seja, pelos próprios sujeitos da experiência. A Rede Globo aparece neste contexto como agente externo, como propõe Kenneth Schmitz, de acordo com a análise de Raquel Paiva em “Propostas de viabilização comunitária”. Segundo a autora, Schmitz esclarece que há algumas maneiras de concretizar a estrutura comunitária, “na medida em que se legitima como recurso a instituição” (PAIVA, 2003, pg. 120).

Voltando ao texto “Comunidade: uma unidade ilusória”, do filósofo canadense Kenneth Schmitz, é possível fazer uma reflexão com relação a compreensão do autor da comunidade como sujeito e não como resultado das relações interpessoais. Para Schmitz, não existe um “nós”, mas sim um potencial pelo bem coletivo em cada sujeito. Em seu estudo, o autor está atento às instituições sociais legitimadas, como sindicatos e associações de moradores, como promotoras do bem comum. Seguindo essa linha de pensamento, nos cabe olhar para a Rede Globo como um “agente externo” que possibilita que este potencial para promover o bem comum existente em cada morador de favela se materialize. Em outras palavras, que a “voz da comunidade” seja ouvida em cadeia regional, a partir do trabalho da apuração e produção do próprio morador da favela. A emissora,

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<http://www.observatoriodefavelas.org.br/userfiles/file/Aspectos%20humanos%20das%20favelas%20Ocariocas.pdf>.

travestida de parceira, financia a veiculação de uma abordagem que se supõe mais autoral, na medida que é apurada por jovens que vivenciam o dia a dia das favelas.

### ***Telejornalismo inclusivo***

O Quadro Parceiros do RJ, veiculado no *RJTV – 1ª Edição*, é fruto de uma iniciativa do jornalista Erick Brêtas, que ao assumir a direção do jornalismo do Rio de Janeiro, em 2009, decidiu fazer mudanças editoriais no telejornal regional da emissora. Segundo Erick, o RJTV estava um pouco envelhecido e precisava ser reformulado.

Porque era aquele jornal muito no *teleprompter*, e as nossas pesquisas mostravam que o público reagia àquilo. O público sentia uma distância dos apresentadores, dos repórteres, e a primeira coisa que a gente fez foi fazer uma reformulação completa no formato do jornal. A gente sentia do público, das pesquisas que a gente tinha, uma vontade que o jornal fosse mais falado, mais conversado. Nas pesquisas qualitativas chegou a aparecer em um determinado momento uma pessoa que dizia “ ah, no concorrente eles falam a notícia e no RJ eles lêem a notícia”.<sup>5</sup>

A primeira ação foi retirar do apresentador o *teleprompter* e inserir comentaristas no telejornal. Na época, Ana Paula Araújo<sup>6</sup> substituiu o jornalista Márcio Gomes<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida à autora no dia 30 de julho de 2013, na TV Globo.

<sup>6</sup> Ana Paula Araújo comandou a primeira edição do *RJTV* até o dia 30 de setembro de 2013, quando passou para a bancada do *Bom Dia Brasil*. Mariana Gross assumiu a apresentação do *RJTV 1ª Edição*.

<sup>7</sup> Márcio Gomes passou a comandar a edição da noite do telejornal e em junho de 2013 foi transferido para Tóquio como correspondente.

âncora e editora-executiva da primeira edição do RJTV. Dois temas ganharam especialistas como comentaristas: a segurança, com o ex-policial Rodrigo Pimentel, e a saúde, com o médico Luis Fernando Correia. Paralelo a isso, Erick conta que, com o projeto de criação das Unidades Pacificadoras, surgiu a oportunidade da emissora voltar a fazer coberturas nas favelas do Rio de Janeiro, território que, de acordo com o Brêtas, a emissora havia abandonado desde o assassinato do jornalista Tim Lopes<sup>8</sup>.

De vez em quando, quando era preciso entrar a gente ia, fazia uma negociação com a associação de moradores. Era uma situação incômoda, porque você não tinha controle, não sabia se ele ia falar com o tráfico ou se não ia. A gente nunca negociou com o tráfico para entrar em favela, mas às vezes o nosso contato era um intermediário do tráfico. (...) A gente estava deixando de cobrir no dia a dia parcelas muito importantes da sociedade carioca. E a gente pensava como? A gente precisa ganhar esse público, dar espaço para esse público, a gente precisa falar para eles.<sup>9</sup>

Para falar com esse público Érick Brêtas começou a investigar iniciativas como de *citizen journalism*, ou de jornalismo hiper local. Experiências como a da emissora norte-americana *CNN*, por exemplo, com os *iReport CNN*, para Erick reproduziam o que já era feito pela *TV Globo* com o Quadro Você RJ, uma colaboração esporádica do telespectador que denuncia alguma irregularidade presenciado por ele. “A gente queria uma coisa estruturada, em que realmente a gente pudesse

---

<sup>8</sup> O jornalista Tim Lopes, produtor da TV Globo, foi torturado e morto por traficantes na favela da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, em junho de 2002, quando fazia uma reportagem investigativa sobre bailes funk financiados pelo tráfico no Complexo do Alemão, subúrbio carioca.

<sup>9</sup> Idem

não ter uma coisa esporádica, mas que a gente desse mesmo espaço para aquelas pessoas, para aquelas áreas”, explica o jornalista.

Da primeira ideia de criar “correspondentes de favelas pacificadas”, o projeto ganhou espaço no debate da grade da emissora e com o aval e orientação do diretor geral Ali Kamel, foi ampliado para pensar além da pacificação. O objetivo passou a ser atender a região metropolitana como um todo. “Vamos misturar mais, vamos deixar que a cidade inteira esteja representada, inclusive, as favelas pacificadas”, teria dito Ali Kamel. Um pensamento de um jornalismo mais local que se inspirou em outra produção da própria Rede Globo, o *Profissão Repórter*, um programa em que os repórteres e cinegrafistas, todos estudantes recém-formados em jornalismo, rodam na função e fazem da reportagem um imenso laboratório prático. A ideia era selecionar moradores de diversas regiões, totalmente crus, sem necessariamente uma formação em jornalismo ou áreas afins, e treiná-los para reportar histórias retiradas da sua comunidade.

Uma vez formatado, o projeto Parceiros do RJ abriu inscrições para a primeira turma em 2010. A única exigência era que a pessoa tivesse entre 18 e 30 anos e que morasse em uma das oito regiões selecionadas para esta etapa: Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo. Em pouco tempo 2.200 jovens se inscreveram para participar do projeto. Após uma rigorosa seleção feita com provas de conhecimentos gerais, redações, entrevistas e, ainda, a entrega de um vídeo, foram selecionados para a primeira turma do projeto 16 jovens, uma dupla para cada região.

Os jovens parceiros foram treinados por profissionais da TV Globo com aulas e palestras sobre técnica de gravação e produção de reportagem e texto para TV durante um único mês. No final, cada dupla recebeu uma mochila com o *kit*

*reportagem*: uma câmera de mini-DV, microfone e *sungun*. Cada parceiro assinou um contrato temporário com a Rede Globo até o dia 31 de dezembro de 2011, e recebia por mês uma bolsa salário de R\$ 1.120,00, cartão de passagem e um Vale Refeição de R\$ 350,00. Além disso, as duplas tinham, a cada quinze dias, uma verba de produção de R\$250,00.

A primeira reportagem do quadro foi ao ar no dia 18 de março de 2011, e era um VT<sup>10</sup> – produzido pela dupla de parceiros da Cidade de Deus sobre os preparativos para a visita do presidente norte-americano Barack Obama à comunidade. Era o primeiro sinal que a investida havia dado resultado. Por serem moradores da comunidade, Viviane Sales e Ricardo Fernandes conseguiram o impossível, ficar na área reservada ao presidente e sua comitiva, e conseguiram imagens exclusivas. Este VT é como um troféu tanto para os jovens realizadores da reportagem, como para os editores da emissora que cuidam da edição final que vai ao ar e assinam como jornalistas responsáveis.

No primeiro ano do projeto (2011-2012) foram veiculados ao todo 348 VTs (ver tabela nos anexos), quase um por dia. A dupla que mais colocou no ar reportagens foi a de Campo Grande, que produziu 48 VTs e, ainda fez mais um em parceria com a dupla de Copacabana. Aliás, os VTs coletivos, traduzem um dos resultados obtidos com o primeiro ano do Quadro no ar: o trabalho em equipe. O entrosamento entre os parceiros da primeira turma gerou a produção de uma série especial que foi veiculada *RJTV – 2ª Edição*, que vai ao ar às 19h. A série *Cultura Underground*, sobre a produção cultural nas favelas e periferia carioca, reuniu três reportagens produzidas pelos parceiros Mariane Rodrigues, de Campo Grande, Petter MC, de Nova Iguaçu, e Thiago Ventura, do Complexo do Alemão. Cada um, por escolha própria, desenvolvendo a função que tinha mais aptidão. Uma iniciativa que rendeu frutos para todos, como orgulha-se Erick Brêtas.

---

<sup>10</sup> VT no jargão do telejornalismo brasileiro é usado para se referir a reportagem gravada.

Pra mim isso é evidência da qualidade do treinamento que a gente deu para eles. Eles são profissionais. Aqui três dos quatro estão contratados. O Peter é pesquisador do Esquenta, a Mariane é repórter cinematográfica da Editoria Rio e o Thiago Ventura editor de imagens. Não é uma coisa assistencialista, a gente acha que essas pessoas têm capacidade de virar profissionais, são hoje profissionais de televisão.<sup>11</sup>

Segundo Érick, é preciso fazer a seleção da maneira certa. O jovem não precisa ser da área de comunicação e muito menos ter participado de cursos preparatórios. De acordo com o idealizador do projeto, a ideia é dar oportunidade a quem quer falar de sua comunidade e, para realizar este tipo de seleção, a emissora teve que ajustar seus métodos de análise de currículo. “Eu quero um cara que tenha carisma, que tenha algum trabalho comunitário relevante, que tenha liderança, seja reconhecido dentro da comunidade dele como ponto de referência para qualquer coisa.”<sup>12</sup>

### ***Parceiros do RJ 2013***

Diante do resultado do primeiro ano do projeto, a proposta de compor uma nova turma foi automática. Na composição da segunda etapa do Parceiros do RJ 2013, estabeleceu-se a cobertura de oito regiões (Complexo do Alemão, Vidigal e Rocinha, Niterói, Grande Maracanã, Duque de Caxias, Santa Cruz, Belford Roxo e São João de Meriti e Madureira). A seleção foi semelhante à primeira, e desta vez,

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora em 30 de julho de 2013, na TV Globo.

<sup>12</sup> Idem

atraiu mais de três mil jovens. As inscrições foram feitas pela internet entre 5 e 25 de novembro de 2012.

O anúncio das novas duplas mereceu destaque no telejornal, durou 16 minutos e 49 segundos, o que dava pistas de que o quadro tinha ganhado espaço dentro do telejornal. Uma suspeita que se confirma ao conversar com a equipe de jornalistas responsável pela produção do quadro. Segundo a coordenadora de produção do Parceiros do RJ, Gisela Pereira, a primeira turma foi uma experiência para a própria Rede Globo, “a gente sabia o que a gente queria, mas na prática nunca ninguém aqui da TV Globo tinha feito isso”<sup>13</sup>, recorda a coordenadora. Gisela destaca, ainda, que a maior novidade foi que o trabalho do grupo acabou por naturalmente promover um “casamento” entre os parceiros e outros quadros do telejornal como, por exemplo, o *RJ Móvel*. Um quadro criado em 2008 com o objetivo de percorrer a cidade registrando problemas e insatisfação da população e, em seguida, pressionar as autoridades competentes por uma solução do problema em questão. Segundo Gisela, a primeira experiência casada aconteceu por acaso. As duplas de Belford Roxo e São do Meriti fizeram uma reportagem sobre o acesso a uma rua que é feito sob um cano improvisado como ponte por moradores. A jornalista conta que a editora do *RJTV – 1ª Edição*, Cecília Mendes, ao ver as imagens ficou horrorizada e resolveu pautar também a equipe do *RJ Móvel* para o mesmo assunto.

A editora e jornalista responsável pelo VT, Mônica Bernardes, explica que juntar os dois quadros, apesar de ter acontecido sem planejamento prévio, serviu como uma estratégia editorial. Por fim, o objetivo era cobrar das autoridades uma solução para a falta de infraestrutura na comunidade.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013, na TV Globo.

Porque o parceiro a gente pode mostrar se resolveu ou não, mas não há o compromisso tão forte como o *RJ Móvel* que tem um calendário. (...) E isso também atende a uma ideia do Miguel, que isso não aconteceu na primeira etapa, que é você aproveitar locais que são cobertos por parceiros para integrar o *RJ Móvel* ao invés de afastar. Porque na primeira temporada aconteceu algumas vezes do parceiro fazer uma matéria em um lugar e o *RJ Móvel* também. E aí um anulava o outro. Ou o *RJ Móvel* não vai mais a lugar de parceiro, ou você integra. Então, a opção foi por integrar. O que é muito legal. Então, isso fortalece. Mas tem que escolher bem.<sup>14</sup>

O que para a TV Globo funcionou como “estratégia editorial”, serviu para os jovens que integram o grupo de parceiros como o que Certeau (1990) chamou de “trampolinagem”, uma referência a arte do saltimbanco em saltar do trampolim e conseguir modos de driblar os “contratos sociais” e criar novas oportunidades (Saback, 2010). Como “tática”, um conceito que ao lado de “estratégia” é muito caro ao antropólogo, os parceiros, mesmo que de forma fragmentada – uma ou outra dupla – abraçaram a integração ao *RJ Móvel* com intuito de apreender mais esta oportunidade de projeção das mazelas existentes em suas comunidades. Já o telejornal *RJTV – 1ª edição* usa desta “estratégia” para aprimorar ainda mais o resultado de seu produto final: a audiência, que há alguns anos amarga a segunda posição no horário segundo o IBOPE.

Michel de Certeau em seu livro “A invenção do cotidiano – Artes de fazer” (1996) define dois tipos de comportamentos, o *estratégico* e o *tático*. Para o autor, a *estratégia* é elaborada por uma instituição ou organização que visa obter o desenvolvimento de algo que já produz. Já a *tática* é realizada por pessoas

---

<sup>14</sup> Ibidem

comuns a partir de um momento oportuno, quando um recurso que não existe se faz presente. O antropólogo pensa esses dois tipos de comportamento ao se aprofundar na apropriação individualista da cultura popular, seja por meio de objetos, territórios, comportamentos ou linguagem.

Portanto, é seguindo esse instinto *tático*, ciente de fazer parte de uma *estratégia*, que o grupo parceiros do RJ 2013 dá desdobramento à criação de um modelo próprio de narrativa inclusiva. Narrativa que mantém o tom autoral que rotula a narrativa comunitária, mas insere um co-autor *estratégico*: o agente externo, a instituição Rede Globo de Jornalismo, que a ampara e dá visibilidade. Diz-se desdobramento da criação de um modelo de narrativa inclusiva porque sabe-se que este grupo teve a primeira turma como referencial. De acordo com a coordenadora Gisela Pereira, o primeiro grupo serviu como exemplo.

Não é imitar, ela toma o *cara* como exemplo para como eles acham que devem se portar na região deles. Eles se vêem como uma voz que vai poder melhorar a comunidade mostrando um problema, uma situação, ou mesmo mostrando uma coisa boa. Eles se orgulham muito.<sup>15</sup>

A preocupação de falar em nome da comunidade, ou seja, “ser a voz que pode melhorar a comunidade”, se assemelha à proposta genérica de um líder comunitário, aquele que tem como missão contribuir para a conquista de melhorias para a comunidade em questão e, para isto, se torna o interlocutor entre os moradores e as autoridades responsáveis pelas questões reivindicadas. Entretanto, segundo as jornalistas responsáveis pela seleção dos jovens que integram o grupo de 2013, a emissora teve o cuidado para avaliar se existia um interesse político por traz do desejo de um candidato se tornar um parceiro.

---

<sup>15</sup> Ibidem

A gente na seleção mesmo, a gente mergulha um pouco nisso porque a gente não quer nenhuma liderança. O do Jhonatan [parceiro de Niterói] é um bom exemplo, porque ele é um cara que é conselheiro tutelar, tem uma escola de samba do segundo ou terceiro grupo, ele sabe tudo de Niterói, ele é muito preocupado. A gente insistiu muito: Jhonatan você vai ser prefeito um dia e ele falou “tudo menos isso na minha vida”. Ele falou com sinceridade, porque ele percebe que pode fazer, ele pretende fazer pela comunidade dele por um outro lado, como cidadão.

O parceiro citado pela editora Mônica Bernardes é Jhonatan Anjos, de 26 anos, um jovem que sempre desenvolveu atividades comunitárias na cidade onde nasceu, é conselheiro tutelar de Niterói e cursou dois períodos de jornalismo, mas por falta de recursos financeiros abandonou a faculdade. Ele e a estudante de jornalismo Julia Rodrigues, de 19 anos, compõem a dupla de Niterói, uma cidade vizinha ao Rio de Janeiro com meio milhão de habitantes. Jhonatan vive no Fonseca, o maior bairro da Zona Norte da cidade, onde estão concentradas seis favelas: Bernadino, Boa Vista, Juca Branco, Santo Cristo, Palmeiras, e Vila Ipiranga. Por outro lado, Júlia é moradora de Santa Rosa, um bairro de classe média da cidade. São duas realidades que promovem um olhar plural sobre a mesma cidade, que acaba por construir uma narrativa que só é possível a partir da troca de afeto, solidariedade e, principalmente, respeito ao olhar do outro. “O parceiro do RJ por ser uma dupla é também uma troca. A gente acaba trocando muita ideia. E aprendi muito com ele”, confirma Júlia.

Ao acompanhar pela primeira vez uma reunião de pauta<sup>16</sup> da segunda turma do projeto, foi possível detectar que é recorrente a tentativa de equilíbrio entre reportar problemas e situações positivas sobre a região na qual vivem. Existe entre os jovens o desejo de fazer com que a população do Estado do Rio de Janeiro, como um todo, rompa com o estigma de que a comunidade é um lugar onde só existe violência e pobreza. Desde a década de 1980, quando os traficantes passaram a ter o poder dentro da favela, os jornalistas passaram a cobrir apenas a violência factual, resultante muitas vezes do confronto entre policiais e bandidos. Um comportamento comedido e técnico que se torna ineficaz, como observou Sodré ao pensar a cobertura da violência no Rio de Janeiro: “A imprensa teria um papel grande se fosse mais comunitária e menos societária e se, de algum modo, as matérias não fossem só um relato técnico: lead, sub-lead, sobre o fato que ocorreu” (Aziz Filho, 2003, pg. 186).

No resgate dessa “comunitarização” da imprensa pleiteada por Sodré, os “repórteres parceiros”, além de buscarem soluções para os problemas existentes, estão preocupados em veicular os aspectos de suas comunidades, que na maioria das vezes não são explorados pela grande mídia. Segundo Jhonatan, há também o cuidado de tratar os assuntos de maneira mais humana, aproveitar a proximidade com a fonte, já que a dupla também faz parte daquela realidade. “Os caras são muito grossos quando vão fazer a entrevista. A gente tem um cuidado na hora de entrevistar. Eu falo: Julia mais pertinho, mais pertinho. Não é aquela história de jogar o microfone e dizer fala aí.”<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> A reunião de pauta no jornalismo é o primeiro passo para a realização de uma reportagem. Nela, os repórteres sugerem assuntos a serem transformados em pauta.

<sup>17</sup> Idem.

## Conclusão

A forma de conduzir uma entrevista é apenas uma das características observadas na produção audiovisual dos moradores de favelas do Rio para o quadro da TV Globo. Como já foi dito no início deste trabalho, o próprio idealizador do quadro Parceiros do RJ, o jornalista Erick Brêtas, ao assumir o comando regional do jornalismo da TV Globo percebeu que precisava fazer mudanças para falar com um público que até então era colocado de lado pela emissora: a classe C<sup>18</sup>. “As pesquisas” apontavam que os moradores de comunidades acreditavam que os “jornalistas da concorrência” *falavam* a notícia, enquanto os da “Globo” *liam*. Em outras palavras, o jornalista da TV Globo não conversava com os moradores de regiões onde concentram-se moradores com “menor” poder aquisitivo.

Com a necessidade de informar o que ocorre nas comunidades do Rio de Janeiro unida ao esforço de *falar* com o morador de comunidades do Rio, a TV Globo cria o quadro Parceiros do RJ. O quadro gera uma diferença no telejornalismo da emissora e, de certa forma, reproduz o paradigma do porta-voz que neutraliza a opinião pública. A emissora fala como a “concorrente” por meio de jovens moradores de favela e não altera, contudo, o seu estilo jornalístico como um todo. Ela cria dentro do seu jornalismo um espaço autorizado para a quebra do padrão Globo de qualidade. Entretanto, ela mesma, ou seja, seus repórteres não invadem esse espaço. Ele é comandado pelos repórteres parceiros, os moradores de comunidades.

Ao legitimar os moradores de comunidades a falarem dentro do seu telejornal regional, a Rede Globo cria uma ponte de troca simbólica entre duas competências, para usar uma expressão de Bourdieu, no que se refere a

---

<sup>18</sup> Entende-se por classe C, uma classe média baixa que desde o primeiro Governo Lula ascendeu no universo do consumo de bens materiais.

comunicação estabelecida entre os jornalistas da emissora e os repórteres comunitários. Para Bourdieu, no ato da comunicação existe além de uma troca linguística, uma troca simbólica. Em outras palavras, escolhe-se como falar de acordo onde, para e com quem se fala. Em *O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas* (1998), o filósofo francês nos apresenta sua tese. Bourdieu defende a possibilidade de pensar o mercado linguístico, fosse em uma conversa entre duas donas de casa, em uma sala de aula ou durante uma entrevista de trabalho.

O que está em questão, quando dois locutores se falam, é a relação objetiva entre suas competências, não apenas sua competência lingüística (seu domínio mais ou menos completo da linguagem legítima), mas também o conjunto de sua competência social, seu direito a falar, que depende objetivamente de seu sexo, sua idade, sua religião, seu estatuto econômico, e seu estatuto social, assim como das informações que poderiam ser conhecidas antes ou ser antecipadas através de indícios imperceptíveis (ele é cortês, ele tem uma medalha, etc.). Esta relação passa sua estrutura para o mercado e define um certo tipo de lei da formação de preços. Há uma micro-economia e uma macro-economia de produtos lingüísticos, estando claro que a microeconomia nunca é autônoma em relação às leis macro-econômicas. (Bourdieu, 1978, pg. 11)

Transpondo a análise de Bourdieu para a produção de um telejornal, podemos supor essa troca de competências entre a Rede Globo e a comunidade com seus repórteres parceiros. Mais especificamente por meio do modo de fazer telejornalismo parceiro. Um modo que concilia duas competências distintas:

aquele que conhece o cotidiano das comunidades e aquele que domina as técnicas que cercam o telejornalismo. Uma que possui os detalhes da micro-economia e outra detentora da macro-economia. Em outras palavras, os moradores das comunidades possuem as informações, mas veiculá-las na emissora de maior audiência do país faz parte do desejo de tornar pública sua realidade.

Como em uma via de mão dupla, da mesma forma que os grandes meios de comunicação precisam do jornalismo comunitário para falar de um cotidiano que é deles, os veículos de comunicação comunitária entendem que precisam dos meios tradicionais para obterem repostas às suas demandas. A ação recíproca pode ser consequência do fortalecimento do universo digital, que alterou definitivamente a emissão e propagação da informação. É fato que por meio de blogs, sites e, por que não, pelas redes sociais como *facebook* e o *twitter*, a comunidade está falando para um número maior de pessoas. Entretanto, se não são seus pares, são pessoas interessadas em suas causas. Desta forma, ingressar em um canal aberto de televisão, ainda é sem dúvida uma maneira de ampliar a sua voz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, P. (1998). *O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas*, Algés: Difel.
- Dymski, G. A. (2011, Junho). Ten ways to see a favela: Notes on the political economy of the new city. *Revista Econômica*, Rio de Janeiro, 13, 7-36.
- Filho, A., & Filho, F. A. (2003). *Paraíso Armado*. São Paulo: Editora Garçon.
- Paiva, R. (2003). *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. (2ª ed. rev. e ampliada). Rio de Janeiro: MAUAD.
- Paiva, R. (2003). As minorias nas narrativas da mídia. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, *XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, Belo Horizonte/MG, 020ª 06 de setembro de 2003.
- Paiva, R. (2004). Estratégias de Comunicação e Comunidade Gerativa. In: C. M. K. Peruzzo. (org.). *Vozes Cidadãs*. (1ª ed.) v., pp. 57-74. São Paulo: Angellara.
- Paiva, R. (2006, agosto). Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). *Revista FAMECOS*, (30) Porto Alegre.
- Paiva, R. (org). (2007). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: MAUAD.



Paiva, R. (2012). Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. *Matrizes* (USP. Impresso), 6, pp. 63-75.

Rorty, R. (2007, novembro). *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins.

Santos, B. S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, (79) 71-94.

Silva, J. de S. (2012). *As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas*. Observatório da Imprensa.

Sodré, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes.